

## As duas Turquias

*A Turquia Negra prevaleceu e, sobretudo depois do golpe de Estado falhado de 2016, a deriva iliberal e neo-otomana triunfou. Tanto na política interna como na política externa.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 1 de Novembro de 2023**

No domingo passado, a Turquia comemorou o primeiro centenário da República, implantada por Mustafa Kemal Atatürk, em 1923. Era um momento histórico, um marco simbólico da maior importância para o qual se esperava um ritual cívico à altura e uma comemoração política com pompa e circunstância. Mas, ao contrário, as comemorações foram discretas, se não mínimas, e associadas a elementos religiosos.

Para a celebração do Dia da República, Erdogan escolheu o pavilhão do lado asiático do Bósforo onde viveu o último sultão do Império Otomano, e não o Palácio Dolmabahce de que Atatürk gostava e onde viveu os seus últimos dias. Isto é, as comemorações estiveram longe do espírito de Atatürk e perto do espírito de Erdogan. Porque do que se tratava na comemoração, como em todas as comemorações, era da luta pela hegemonia da memória. E o seu verdadeiro sentido era a apropriação simbólica da ideia da Turquia.

No espaço público apareceram lado a lado, com a bandeira turca entre eles, grandes retratos dos dois estadistas. A mensagem parecia evidente: Atatürk, o pai fundador, era o século passado; Erdogan, o líder do século futuro, ou, como ele próprio disse na sua última campanha: o século da Turquia. Ambos são políticos *top-down*, ambos são políticos reformistas e ambos acreditam na engenharia social. Mas, sob a aparente continuidade entre passado e futuro, esconde-se a ruptura simbólica entre duas ideias opostas da Turquia.

Das ruínas do multiétnico Império Otomano, Atatürk quis construir um Estado-nação e uma república secular. Aboliu o califado e as irmandades religiosas, decretou o fim do alfabeto árabe e substituiu-o pelo latino, adoptou o sistema jurídico ocidental e estendeu o sufrágio às mulheres. E, numa nova lei do chapéu, aboliu lenços e turbantes nas escolas e instituições públicas e introduziu os chapéus à moda de Paris ou Londres. Mas foi mais longe: secularizou a mesquita imperial otomana – Hagia Sophia – e converteu-a num museu.

Em 20 anos de poder, Erdogan reverteu todas estas medidas. Trouxe o conservadorismo religioso e o islão de volta ao Estado. As cerimónias oficiais abrem, agora, com orações e a direcção dos assuntos religiosos aumentou, significativamente, competências e orçamento. Apoiou os grupos religiosos e garantiu-lhes privilégios. Incentivou o ensino religioso. O véu islâmico, outrora proibido, regressou. E a Hagia Sophia encerrou como museu, foi reconvertida em mesquita e devolvida ao culto.

Em 2003, Erdogan declarava que havia segregação entre turcos brancos e turcos negros. E que ele, “o irmão Tayyip” (Erdogan), pertencia aos turcos negros. “Turcos brancos” significava, para ele, as elites urbanas, seculares e cosmopolitas, herdeiras do kemalismo e que dominaram o primeiro século da república. Por oposição aos turcos negros, populares, conservadores e religiosos, que deveriam dominar o próximo. Ou seja, ele próprio.

Erdogan está no centro da vida política da Turquia desde 2002, primeiro como primeiro-ministro, até 2013, e desde 2014 como Presidente. Nos primeiros tempos de poder pareceu, ainda, querer conciliar essas duas Turquias: o Império Otomano e a república kemalista; o secularismo e o islão. Uma Turquia a caminho da democracia e, ainda, ancorada no mundo ocidental. Foi o tempo em que o Ocidente rejubilou com o modelo turco: afinal, o islão era compatível com a democracia e uma democracia islâmica era possível.

A esperança não durou muito. A Turquia Negra prevaleceu e, sobretudo depois do golpe de Estado falhado de 2016, a deriva iliberal e neo-otomana triunfou. Tanto na política interna como na política externa. Na política interna, evoluiu do parlamentarismo para o presidencialismo. O Presidente concentrou poderes e engrandeceu o executivo. E a erosão do sistema de “*checks and balances*” é, hoje, evidente no que respeita à independência do judicial e ao controle dos *media*.

Isto é, todos os sinais são de retrocesso da democracia. No plano internacional, evoluiu de uma política externa pacífica e plenamente ancorada no Ocidente – na NATO e no [pedido de adesão à UE](#) – para uma outra, autónoma e assertiva, voltada para o espaço estratégico do Médio Oriente, mar Negro e Ásia Central, afirmando-se como potência regional.

Para Atatürk, a modernização significava secularização e ocidentalização. Para Erdogan, parece significar o contrário: islamização e neo-otomanização. Que ideia de Turquia vencerá a batalha da memória? O próximo centenário o dirá. Mas, provavelmente, não estaremos cá para ver.

<https://www.publico.pt/2023/11/01/opiniao/opiniao/duas-turquias-2068650>